

Impacto da COVID-19 na educação de crianças e adolescentes público-alvo do atendimento educacional especializado e em seus familiares e cuidadores

Impact of COVID-19 on the education of children and adolescents targeted by specialized educational services and on their families and caregivers

Impact du COVID-19 sur l'éducation des enfants et adolescents ciblés par les services éducatifs spécialisés et sur leurs familles et tuteurs

Rosana Maria Barreto Colichi^{[a]*}, Andrés Jiménez Figueroa^[b], Silvana Andrea Molina Lima^[a]

^[a]Departamento de Enfermagem, Faculdade de Medicina, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Botucatu, Brasil.

^[b]Facultad de Psicología, Universidad de Talca, Talca, Chile.

Resumo

O estudo analisou impactos da pandemia em crianças e adolescentes, público-alvo do atendimento educacional especializado (AEE), e em seus familiares e cuidadores/as. Estudo transversal descritivo, com coleta de dados de 97 responsáveis em município do interior de São Paulo, Brasil, utilizando formulário desenvolvido pelos/as pesquisadores/as, com dados analisados estatisticamente, considerando-se $p \geq 0,05$. Resultados apontam diferenças no perfil e nas alterações ocorridas no ensino entre alunos/as da rede pública e privada com relação ao suporte de profissionais da saúde e educação além da infraestrutura tecnológica. Nas questões pedagógicas, a maioria dos/as participantes relataram problemas relacionados à baixa adesão do ensino a distância, bem como às condutas da instituição, aos materiais e recursos oferecidos. Desafios a pais/mães e cuidadores/as revelaram-se na forma de desgaste emocional e alterações na rotina e suas associações ao tipo de escola, grau de dificuldade, número de pessoas convivendo na casa, grau de deficiência da criança/adolescente, dificuldade em aceitá-los/as como educadores. Esses resultados sugerem que as famílias e cuidadores/as sofreram impactos da pandemia, repercutindo nas tarefas de cuidado e na educação dessas crianças e adolescentes.

Palavras-chave: adaptação psicológica, cuidadores/as, atendimento educacional, transtornos de aprendizagem, pandemia COVID-19

Abstract

The study analyzed the impacts of the pandemic on children and adolescents, the target audience for specialized educational services (AEE) and their families and caregivers. Descriptive cross-sectional study, with data collected from 97 guardians in a city in the interior of São Paulo, Brazil. The researchers used a form they developed, and the data were analyzed statistically, considering $p \geq 0.05$. Results point to differences in the profile and changes occurring in teaching between public and private students concerning support from health and education professionals and technological infrastructure. Regarding pedagogical issues, most participants reported problems related to low adherence to distance learning and the institution's conduct, materials and resources offered.

* **Correspondência:** rosana.barreto-colichi@unesp.br

Challenges for parents and caregivers were revealed in the form of emotional exhaustion and changes in routine, with associations to the type of school, degree of difficulty, number of people living in the house, degree of disability of the child/adolescent, and difficulty in accepting the role of educator. These results suggest that families and caregivers were impacted by the pandemic, affecting the care tasks and education of these children and adolescents.

Keywords: psychological adaptation, caregivers, educational service, learning disorders, COVID-19 pandemic

Résumé

L'étude a analysé les impacts de la pandémie sur les enfants et les adolescents, le public cible des services éducatifs spécialisés (AEE) ainsi que leurs familles et soignants. Étude transversale descriptive, avec collecte de données auprès de 97 tuteurs dans une ville de l'intérieur de São Paulo, Brésil, à l'aide d'un formulaire développé par les chercheurs, avec données analysées statistiquement, en considérant $p \geq 0,05$. Les résultats mettent en évidence des différences de profil et des changements survenant dans l'enseignement entre les étudiants publics et privés en ce qui concerne le soutien des professionnels de la santé et de l'éducation en plus de l'infrastructure technologique. En ce qui concerne les questions pédagogiques, la plupart des participants ont signalé des problèmes liés à la faible adhésion à l'enseignement à distance, ainsi qu'au comportement de l'institution, aux matériels et aux ressources proposés. Les défis pour les parents et les tuteurs se sont révélés sous la forme d'un épuisement émotionnel et de changements de routine et de leurs associations avec le type d'école, le degré de difficulté, le nombre de personnes vivant dans la maison, le degré de handicap de l'enfant/adolescent, la difficulté à accepter eux en tant qu'éducateurs. Ces résultats suggèrent que les familles et les soignants ont été touchés par la pandémie, affectant les tâches de soins et l'éducation de ces enfants et adolescents.

Mots-clés: adaptation psychologique, soignants, service éducatif, troubles d'apprentissage, pandémie de COVID-19

Introdução

A política brasileira de inclusão compreende que todos/as devem ter acesso à educação, tendo o direito a participar das atividades educativas e ao aprendizado (Pletsch & Souza, 2021). Em processo de ressignificação conceitual e de práticas que decorrem de mudanças na realidade social, a inclusão no Brasil, no entanto, ainda é palco de lutas pela ampliação de direitos educacionais, pela justiça cognitiva e pela participação dos próprios sujeitos em decisões que lhes afetam diretamente (Pletsch, 2020).

Na perspectiva da educação inclusiva, a educação especial integra uma proposta pedagógica da escola regular, visando atender as necessidades educacionais especiais de alunos/as com deficiência, transtornos globais de desenvolvimento e altas habilidades/superdotação. Ela prevê formas de apoio aos/às estudantes, as quais podem ser incorporadas ao contexto da sala de aula comum e outros espaços escolares, e inclui o atendimento educacional especializado (AEE; Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação, 2020).

Compreendido como um conjunto de atividades, recursos de acessibilidade e pedagógicos organizados institucional e continuamente, o AEE tem por função a identificação, elaboração e organização de espaços e materiais que diminuem as barreiras para a participação dos/as alunos/as, de acordo com suas necessidades específicas, devendo ainda complementar ou mesmo suplementar a formação dos/as alunos/as para adquirirem autonomia e independência na escola e fora dela (Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação, 2020).

No entanto, crianças e adolescentes que dependem de AEE para seu desenvolvimento atingem um público cada vez maior nos últimos anos (Pletsch, 2020; Pletsch & Souza, 2021), demandando uma visão mais ampliada, que envolva o ambiente social e familiar, bem como suas implicações no bem-estar físico e mental. É o mesmo princípio de integralidade que fundamenta o Sistema Único de Saúde brasileiro, o qual reforça que esses indivíduos devem ser assistidos em todos os níveis de atenção, considerando-os ainda como sujeitos inseridos em um contexto social, familiar e cultural (Lei n.º 8.080, 1990). Assim, as concepções de saúde e educação são complementares e devem estar articuladas para o progresso das ações e cuidado em saúde, favorecendo a qualidade de vida e inclusão social (Sá et al., 2019). Além disso, o conhecimento e a assistência em saúde desenvolvidos no país, numa perspectiva intercultural pode auxiliar na compreensão do entrelaçamento das dimensões sociais e culturais que marcam os fenômenos do cuidado, da saúde, da educação e do bem-estar geral de uma sociedade (Müller et al., 2023)

Com essa preocupação, durante a pandemia de COVID-19, pesquisadores/as apontaram a necessidade de ações no ambiente escolar sob a perspectiva inclusiva; acolhimento familiar; direito à vida e à assistência à saúde; contribuições interdisciplinares sobre a deficiência em diversas dimensões experienciadas no período de emergência sanitária. No entanto, apesar do poder público, por intermédio de suas diferentes instituições, emitir notas reforçando a manutenção das atividades educacionais e seu caráter inclusivo, na prática, essa situação não ocorreu na maior parte das entidades educacionais brasileiras (Moreira & Dias, 2021).

Nesse mesmo período observou-se alta prevalência de sofrimento psíquico e ansiedade na população, causando desconforto, e, nas pessoas em situação de vulnerabilidade, o confinamento e o isolamento social tornaram essa condição ainda mais precária (Bertollo et al., 2024; Leiva et al., 2020; Mahmud et al., 2022; Vintila, 2023; Zhao et al., 2020). Da mesma forma, alterações na rotina, na saúde e no comportamento social das famílias de crianças e adolescentes, público-alvo de AEE, foram retratados em muitos estudos (Ameis et al., 2020; Northrup et al., 2023).

A ausência de aulas presenciais nas escolas, do acompanhamento especializado e das rotinas terapêuticas demandou novos esforços por parte dos/as familiares e cuidadores/as, tendo que assumir um novo papel, agora de apoiadores/as pedagógicos/as, sem formação ou experiência, na esperança de dar continuidade ao processo de ensino e aprendizado dessas crianças (Dvorsky et al., 2023; Northrup et al., 2023). Apesar de observar na literatura relatos de consequências para as crianças e adolescentes, poucos estudos brasileiros abordam os impactos da pandemia nos pais, mães e responsáveis desses/as estudantes e suas relações com a educação dessas crianças.

Assim, este estudo teve como objetivo identificar os impactos da falta do AEE em crianças/adolescentes e em seus responsáveis e cuidadores/as durante a pandemia de COVID-19, contribuindo no aprofundamento do conhecimento acerca das consequências da pandemia.

Método

Trata-se de um estudo transversal descritivo, caracterizado pela investigação da ocorrência de determinado evento em um grupo populacional, em um momento particular (Merchán-Hamann & Tauil, 2021). Assim, considerando-se o momento pandêmico e as dificuldades enfrentadas pela população estudada, foi possível o levantamento de hipóteses.

A coleta de dados foi realizada entre 97 responsáveis e cuidadores/as de crianças e adolescentes que dependem de AEE de município localizado no interior do estado de São Paulo, Brasil. A amostra foi não probabilística, do tipo intencional e os critérios de inclusão foram: ser familiar ou cuidador/a de aluno/a de instituição pública ou particular com necessidade de AEE e ter mais de 18 anos.

O instrumento de coleta de dados, desenvolvido pelos/as pesquisadores/as, foi composto de 40 questões, divididas em cinco partes: 1) dados sociodemográficos do/a entrevistado/a; 2) dados sociodemográficos e específicos do/a aluno/a; 3) dados das condições de AEE antes da pandemia; 4) dados das condições educacionais durante a pandemia; 5) avaliação dos desafios e benefícios dos/as responsáveis durante pandemia.

O convite à participação foi realizado de forma eletrônica, utilizando e-mail e WhatsApp, verbal (pessoalmente ou por telefone), contando com a divulgação em escolas públicas estaduais do município e divulgação publicitária de veículo de notícia local, sendo disponibilizado o *link* com o formulário eletrônico (Google Form). A coleta foi realizada entre novembro de 2020 a maio de 2021 e cada participante levou cerca de 20 minutos para o preenchimento; os dados foram codificados para garantir o sigilo das informações prestadas.

Antes da fase de modelagem, as perguntas que tinham várias possibilidades de resposta foram transformadas em *dummy*. Foram ajustados modelos de regressão múltipla com resposta Poisson para os desfechos desgaste emocional e aumento da dificuldade relatados pelos/as familiares e cuidadores/as, incluindo, no componente determinístico dos modelos, apenas as variáveis que apresentaram $p < 0,20$ na investigação bivariada, realizada ajustando regressões simples com resposta Poisson. Nos modelos finais as associações foram consideradas estatisticamente significativas se $p < 0,05$. A análise foi feita com o *software* SPSS v21.0.

Foram preservados os aspectos éticos previstos na Resolução do Conselho Nacional de Saúde 510/16. Após análise de todos os potenciais riscos e benefícios aos/às participantes desta pesquisa, o Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina de Botucatu aprovou o projeto sob o parecer 4.409.731. Todos os/as participantes do estudo aceitaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Resultados

Participaram da pesquisa 97 familiares, responsáveis ou cuidadores/as, grupo composto em sua maioria por pessoas declaradas do sexo feminino (85%), casada (68%), com idade entre 41 e 50 anos de idade (44%), trabalhadores/as assalariados/as (31%), com pelo menos ensino médio completo (86%). Sobre a dinâmica familiar foi possível constatar que a maioria morava no mínimo com quatro pessoas na mesma casa (55%), com um/a (41%) ou dois/duas (38%) filhos/as e renda mensal familiar de R\$ 3.000,00 a R\$ 10.000,00 (46%), conforme descrito na Tabela 1.

TABELA 1

Caracterização sociodemográfica dos/as participantes da pesquisa (familiares, responsáveis e cuidadores/as)

Variáveis	n=97	%
Idade do/a participante da pesquisa		
De 21 a 30 anos	8	8,2%
De 31 a 40 anos	33	34,0%
De 41 a 50 anos	43	44,3%
Mais de 50 anos	13	13,4%
Sexo do/a participante - feminino	82	84,5%
Situação conjugal– casado/a / com companheiro/a	66	68,0%
Condições laborais		
Não trabalha	16	16,5%
Assalariado	30	30,9%
Autônomo / Profissional liberal / Empresário/a	35	36,1%
Servidor público	16	16,5%
Formação do/a participante da pesquisa		
Ensino fundamental	8	8,2%
Ensino médio	34	35,1%
Superior incompleto	12	12,4%
Superior completo	34	35,1%
Especialização / Mestrado / Doutorado	9	9,3%
Número de pessoas moradoras na casa		
Até 3 pessoas	44	45,4%
4 ou mais pessoas	53	54,6%
Número de filhos/as do/a participante		
1 filho/a	40	41,2%
2 filhos/as	37	38,1%
3 ou mais filhos/as	19	19,6%
Renda Familiar		
Até R\$ 3.000,00	32	33,0%
De R\$ 3.000,00 a R\$ 10.000,00	45	46,4%
Acima de R\$ 10.000,00 a R\$ 15.000,00	20	20,6%

Conforme descrito detalhadamente na Tabela 2, que apresenta a caracterização sociodemográfica das crianças/adolescentes que necessitavam de AEE durante a pandemia de COVID-19, verificou-se que a maioria dos/as alunos/as tinha entre 10 e 13 anos (41%), possuía laudo para algum tipo de transtorno

(69%) e já contava com algum acompanhamento de profissionais da saúde, como psicólogos/as, médicos/as, fonoterapeutas, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas, entre outros (79,4%). Auxiliados em suas tarefas diárias principalmente pelas mães (86%) antes da pandemia, a maioria dos/as alunos/as não contava com o acompanhamento extraescolar especializado de pedagogos/as, psicopedagogos/as ou neuropsicopedagogos/as (53,6%).

Os/As participantes declararam que esses/as alunos/as estavam matriculados/as em escolas públicas (48%) e particulares (52%), em sua maioria no ensino fundamental I (42%), sendo que, antes da pandemia, apenas 32% contavam com tutores/as para acompanhamento na instituição educacional; em 58% desses casos, tratava-se de tutoria exclusiva e auxiliavam as crianças principalmente em relação ao conteúdo didático (74%), socialização (52%) e higiene (42%). Antes do fechamento das escolas, 42 crianças (43%) frequentavam alguma sala de AEE na instituição, a maioria uma ou duas vezes na semana (79%), principalmente nas escolas privadas.

TABELA 2

Caracterização sociodemográfica das crianças/adolescentes que necessitavam de AEE durante a pandemia de COVID-19

Variáveis	n=97	%
Idade das crianças / adolescentes		
03 a 05 anos	4	4
06 a 09 anos	32	32
10 a 14 anos	44	44
15 ou mais	17	17
Sexo das crianças / adolescentes - feminino	53	55
Auxílio nas tarefas antes pandemia		
Mãe	83	86
Pai ou avós	33	34
Professor/a particular / cuidador/a	14	14
Nível de ensino das crianças / adolescentes		
Educação Infantil	7	7
Fundamental I	41	42
Fundamental II	30	31
Ensino médio	9	9
Educação especial	6	6
Superior / Outros	2	2
Escola das crianças / adolescentes		
Pública	47	48
Particular	50	52
Grau de deficiência da criança/adolescente percebido pelo/a participante		
Baixo (1 a 3)	39	30
Médio (4 a 6)	26	26
Alto (7 a 10)	32	31

Sobre as condições educacionais das crianças e adolescentes durante a pandemia, na percepção dos/as entrevistados/as, 96% das instituições educacionais disponibilizaram conteúdo na forma *on-line*, mas

material adaptado ou recursos didáticos diferenciados foram oferecidos apenas para uma parcela dos/as entrevistados (32% e 23%, respectivamente); 35% dos/as participantes informaram que não receberam nenhum recurso, material ou atendimento diferenciado.

Os maiores desafios tecnológicos observados pelos/as responsáveis referiam-se aos equipamentos utilizados em casa que não permitiam concentração do aluno, tais como *tablet*, *notebook* e celular (27%), e à indisponibilidade de equipamento para impressão das atividades propostas (12%), principalmente naqueles/as estudantes de instituições públicas. Poucos/as relataram problemas com tecnologia incompatível, falta de acesso à internet ou velocidade inadequada (6%).

As dificuldades descritas na área pedagógica estavam relacionadas aos materiais disponibilizados insuficientes ou não adaptados (20%) ou às atividades propostas desvinculadas das necessidades e condições da criança/adolescente (22%). Para 15% dos/as responsáveis, as orientações disponíveis eram insuficientes para acompanhamento do conteúdo das disciplinas e a falta de apoio pedagógico por parte da instituição de ensino foi relatada por 19%.

Por fim, quando solicitado que avaliassem a conduta da instituição de ensino durante a pandemia para o aprendizado da criança/adolescente, houve grande variação entre as notas atribuídas (numa escala de 0 a 10, sendo 0 o mínimo e 10 o máximo). Cerca de 29% responderam de forma neutra (notas 5 e 6), enquanto 28% estavam insatisfeitos (notas 1 a 4) e 43% pontuou de forma positiva (notas 7 a 10).

Entre as soluções encontradas, contratar profissionais para auxiliar no processo de ensino-aprendizagem foi a opção escolhida por 31% dos/as entrevistados/as, cujos valores pagos mensalmente ultrapassaram R\$ 1.000,00 em alguns casos, colaborando com o aumento de custos financeiros em 11% dos/as participantes. A escolha desses/as auxiliares estava relacionada principalmente a profissionais capacitados/as com experiência ou especialização em AEE (67%) e os atendimentos ocorriam geralmente na forma presencial (70%), na casa do/a aluno/a (39%) ou outro local (32%), além dos atendimentos na forma *on-line* ou WhatsApp (30%).

A Tabela 3 traz informações sobre os impactos da pandemia percebidos pelos/as participantes. Na dinâmica familiar, a maioria relatou alterações na rotina (54%), revelando ainda como obstáculos o tempo necessário para as atividades – ou falta do mesmo (26%), ter que conciliar o ensino da criança/adolescente com *home-office* (32%) ou mesmo o fato de ter que estudar antes de ensinar (26%).

Os aspectos psicossociais foram impactados na forma de desgaste emocional, prevalente em 57% da amostra, pela resistência da criança/adolescente em reconhecê-lo/a como educador/a (23%) ou ainda pelo medo da exposição da deficiência da criança/adolescente nos ambientes virtuais como as próprias plataformas de ensino, grupos de WhatsApp, redes sociais, entre outros (12%).

Por outro lado, os/as entrevistados/as reconheceram importantes benefícios (impactos positivos) do afastamento das escolas, tais como ter a oportunidade de reconhecer as dificuldades e habilidades da criança/adolescente (49%) e o aprofundamento sobre os transtornos/deficiências delas (30%). Além

disso, 37% dos/as respondentes reconhecem que usufruíam tempo maior com a criança/adolescente, 31% aproveitaram para aprender novos recursos de ensino e 26% perceberam que o aprendizado da criança/adolescente se tornou mais efetivo.

TABELA 3

Distribuição dos impactos percebidos pelos/as responsáveis e cuidadores/as de crianças/adolescentes que necessitam de AEE durante a pandemia de COVID-19

Variáveis	n=97	%
Impactos negativos (dificuldades enfrentadas)		
Alteração na rotina diária	52	54
Desgaste emocional	55	57
Ter que estudar antecipadamente	25	26
Tempo necessário para as atividades (ou falta do mesmo)	25	26
Conciliar com <i>home-office</i>	31	32
Medo de exposição	12	12
Falta de profissionais	10	10
Maior dispêndio de recursos financeiros	11	11
Impactos positivos (benefícios percebidos)		
Mais tempo com a criança/adolescente	36	37
Melhor organização da rotina	16	16
Aprender recursos de ensino/aprendizagem	30	31
Aprendizado mais efetivo do/a aluno/a	25	26
Reconhecimento das dificuldades e habilidades dos/as filhos/as criança/adolescente	48	49
Aprofundamento no conhecimento sobre os transtornos / deficiências	29	30
Redução de custos	4	4
Nenhum benefício percebido	19	20

Para compreender os maiores impactos percebidos, a análise estatística buscou associações por possíveis explicações para o maior desgaste emocional e o aumento na percepção do grau de dificuldade enfrentado pelos/as participantes.

As associações bivariadas estatisticamente significativas com o desgaste emocional dos pais/das mães são apresentadas na Tabela 4. Observou-se maior prevalência de desgaste emocional entre pais/mães cujos/as filhos/as estavam matriculados/as em escolas públicas (RP = 1,08; IC95% = [1,08; 3,32]; $p = 0,027$) e maior prevalência de desgaste emocional à medida que o número de desafios relatados aumentava (RP = 1,16; IC95% = [1,06; 1,27]; $p = 0,001$).

Estas duas variáveis – tipo de escola (pública / particular) e número de desafios – foram inseridas em um modelo de regressão múltipla, onde foi observado que as associações destas duas variáveis com o desgaste emocional mantiveram-se estatisticamente significativas, tendo sido observado maior prevalência de desgaste emocional dos pais/das mães cujos/as filhos/as eram matriculados/as em escola pública (RP = 1,94; IC95% = [1,10; 3,14]; $p = 0,021$) e maior prevalência de desgaste emocional com o aumento do número de desafios relatados (RP = 1,16; IC95% = [1,06; 1,28]; $p = 0,001$).

TABELA 4

Regressão linear com resposta Poisson para explicar o desgaste emocional relatado pelos pais/pelas mães

Variável	RP	IC95%(RP)	<i>p</i>	Rpaj	IC95%(RP)aj	<i>p</i>
Criança estuda em escola pública	1,89	1,08 3,32	0,027	1,94	1,1 3,41	0,021
Número de desafios relatados	1,16	1,06 1,27	0,001	1,16	1,06 1,28	0,001

RP: Razão de prevalência, obtida via ajuste de regressão linear simples

IC95%(RP): Intervalo de confiança a 95% para a RP;

RPaj: Razão de prevalência ajustada, obtida via ajuste de regressão linear múltipla;

IC95%(RPaj): Intervalo de confiança a 95% para a RPaj;

A pandemia ainda impactou na percepção do grau de dificuldade enfrentado em 55% dos/as participantes. Antes da pandemia, 34% consideravam o grau de dificuldade maior que 5, tendo se elevado para 63% durante a crise sanitária.

Na Tabela 5 apresentamos as associações bivariadas de cada variável com o aumento da dificuldade relatada pelos pais/pelas mães, sendo constatada que, apesar das associações não se mostrarem estatisticamente significativas, as variáveis mais fortemente associadas com o desfecho foram o número de pessoas convivendo na casa (RP=1,25 IC95% = [0,88;1,77]; $p=0,197$), grau de deficiência da criança/adolescente (RP=1,07 IC95% = [0,97;1,18]; $p=0,152$), dificuldades da criança em aceitar o(s)/a(s) pais/mães cuidador/a(es/s) como educador/a(es/a) (RP=1,57 IC95% = [0,79;3,10]; $p=0,193$). A associação foi inversa quando os pais/as mães relatavam a dificuldade de ter que estudar antes (RP=0,571 IC95% = [0,25;1,30]; $p=0,184$).

TABELA 5

Regressão linear com resposta Poisson para explicar o aumento da dificuldade relatado pelos pais/pelas mães

Variável	RP ¹	IC95% ²	<i>p</i>	RPaj	IC95% aj	<i>p</i>
Número de pessoas na casa	1,255	0,889 1,771	0,197	1,19	0,88 1,6	0,255
Grau de deficiência percebida	1,073	0,974 1,183	0,152	1,06	0,96 1,17	0,22
Desafios-resistência para reconhecer como educador/a	1,571	0,796 3,100	0,193	1,66	0,92 2,98	0,092
Desafios-alterações da rotina	0,901	0,438 1,854	0,777			
Desafios-desgaste emocional	1,431	0,689 2,976	0,337			
Desafios-estudar antes de ensinar	0,571	0,25 1,306	0,184	0,64	0,32 1,31	0,223
Desafios-tempo para atividades	0,907	0,433 1,898	0,796			
Desafios-conciliar com <i>home-office</i>	1,173	0,574 2,397	0,662			
Desafios-medo de exposição	0,45	0,129 1,571	0,211			
Desafios-falta de profissionais para auxílio	0,578	0,179 1,873	0,361			
Desafios-aumento de custos	1,626	0,549 4,814	0,38			
Benefícios-maior tempo disponível	0,837	0,454 1,542	0,568			
Benefícios-melhor organização de rotina	0,822	0,352 1,920	0,65			
Benefícios-novos recursos de ensino	1,247	0,697 2,232	0,457			
Benefícios-aprendizado mais efetivo	1,086	0,522 2,262	0,825			
Benefícios-aprofundar sobre deficiências	1,178	0,613 2,263	0,624			

Variável	RP ¹	IC95% ²	<i>p</i>	RPaj	IC95% aj	<i>p</i>
Benefícios-redução de custos	0,958	0,22	4,174	0,955		
Pontuação de conduta da instituição	0,983	0,89	1,087	0,743		
Pontuação de autoavaliação	0,964	0,863	1,077	0,519		

RP: Razão de prevalência, obtida via ajuste de regressão linear simples

IC95%(RP): Intervalo de confiança a 95% para a RP;

RPaj: Razão de prevalência ajustada, obtida via ajuste de regressão linear múltipla;

IC95%(RPaj): Intervalo de confiança a 95% para a RPaj;

Discussão

Os resultados deste estudo apontam diferenças no perfil e nas alterações ocorridas no ensino entre alunos/as da rede pública e privada com relação ao suporte de profissionais da saúde e educação além da infraestrutura tecnológica. Nas questões pedagógicas, a maioria dos/as participantes relataram problemas relacionados à baixa adesão do ensino a distância, bem como às condutas da instituição, aos materiais e recursos oferecidos. Observaram-se impactos nos/as responsáveis e cuidadores/as como desgaste emocional, alterações na rotina e o aumento da percepção do grau de deficiência das crianças e adolescentes. Observou-se maior desgaste emocional entre os pais/as mães e cuidadores/as com maior percepção dos desafios enfrentados e aqueles com crianças e adolescentes matriculados/as no ensino público. O aumento do grau de dificuldade desses pais/dessas mães e cuidadores/as foi mais impactado com o aumento de pessoas vivendo na mesma casa, do grau de deficiência do/a aluno/a ou pela dificuldade da criança em aceitar os pais/as mães / cuidadores/as como educadores/as. Entre os reflexos positivos, a oportunidade de reconhecer as dificuldades e habilidades da criança/adolescente, o aprofundamento no conhecimento sobre os transtornos/deficiências além de poder usufruir tempo maior juntos/as.

As diferenças nos impactos percebidos pelos pais/pelas mães e responsáveis entre os/as alunos/as da rede pública e privada foram observadas em muitos aspectos. Apesar de serem público-alvo da AEE, parte dos/as alunos/as pesquisados/as ainda não possuíam laudo médico, documento obrigatório para participar de salas de recursos diferenciados na rede estadual (ensino público). Nosso estudo revela, portanto, que, para além da pandemia, uma grande parcela de crianças já se encontrava longe dessas salas devido à falta de acesso ao sistema de saúde local, carência de informações dos/as responsáveis ou de redes de apoio. A falta de laudo médico dificultaria o acesso às referidas salas e ao ensino adequado promovido pelo AEE, assumindo um papel de instrumento excludente, apontando lacunas de atendimento de crianças na rede pública de ensino, assim como já revelado em outros estudos brasileiros (Fontoura & Sardanha, 2021; Santos et al., 2023). Além disso, o acompanhamento de profissionais da saúde e educação importante para o apoio multidisciplinar dos/as alunos/as era mais presente naqueles/as que frequentavam a rede particular de ensino, cujos/as pais/mães teriam melhor poder aquisitivo ou se beneficiavam de convênios médicos.

Ao ofertar os serviços por meio do ensino a distância, com aulas *online* utilizando a rede internacional de computadores (internet), as diferenças ficaram evidenciadas pela falta ou a limitação de acesso à internet, principalmente entre as famílias com filhos/as da rede pública, corroborando com pesquisas que apontam ainda os seus custos associados, especialmente para as famílias menos abastadas ou de áreas rurais. (Cipriani & Moreira, 2021; Narvekar, 2020; Samadi et al., 2020; Schiavetto & Schnaider, 2021).

Entre as dificuldades descritas na área pedagógica, a baixa participação de atividades *e-learning* dos/as alunos/as estudados/as, apontadas principalmente pela falta de concentração, está presente também em estudos que revelam as distrações com animais, brinquedos, jogos ou irmãos/ãs, tornando a educação doméstica um verdadeiro desafio para os pais/as mães e cuidadores/as (Greenway & Eaton-Thomas, 2020; Mutluer, 2020). Outra questão abordada foi o medo de exposição dos/as filhos/as e suas deficiências, corroborando com pesquisa do Irã que revelou o receio de que as imagens dos/as filhos/as fossem expostas inadequadamente na internet (Samadi et al., 2020).

A insatisfação com condutas das instituições de ensino (públicas ou privadas), aos materiais e recursos oferecidos corroboram com estudos realizados no Reino Unido que expressaram a insatisfação dos pais/das mães com a orientação e a adequação dos recursos recebidos, além da decepção e ansiedade provocada pela falta de apoio para as necessidades psicológicas do/a filho/a (Greenway & Eaton-Thomas, 2020). Vale ressaltar que, apesar de todos os problemas declarados pelos/as responsáveis e cuidadores/as, observamos a dificuldade em avaliar os serviços educacionais oferecidos, até porque não se sabia como realmente eram oferecidos ou mesmo se eram realmente oferecidos antes da pandemia.

O desgaste emocional, prevalente na maioria dos/as participantes, reforça as consequências psicossociais negativas, representadas principalmente pelo estresse, depressão e conflitos domésticos. Nossos resultados corroboram com pesquisas internacionais que apontam efeitos como depressão, ansiedade, preocupação e estresse dos pais/das mães durante ou mesmo após a pandemia (Chiang et al., 2024; Northrup et al., 2023; Thorell et al., 2021).

A adaptação das rotinas familiares e laborais durante as condições de pandemia, revelando que a pressão exercida sobre os pais/as mães e cuidadores/as para gerir as cargas de trabalho e as responsabilidades familiares aumentou consideravelmente naquele momento, e repercutiu continuamente nas tarefas de cuidado e, conseqüentemente, na educação desses/as alunos/as. O *home-office*, revelado como solução para as empresas, trouxe conflitos para os/as cuidadores/as, principalmente na figura das mães, corroborando com estudo entre 1.137 mulheres chilenas que revelou conflitos na relação trabalho/família, sobrecarga de tempo e uso desequilibrado dos espaços, além de evidenciar a construção patriarcal dos papéis de gênero (Álvarez-Minte et al., 2021; Martínez-Labrín et al., 2022).

A associação do desgaste emocional com aquelas famílias cujas crianças/adolescentes frequentavam escolas públicas corroboram com estudos que apontam disparidades, principalmente em países em

desenvolvimento. As escolas públicas em muitos desses locais carecem da infraestrutura digital apropriada para o ensino a distância, além de recursos tecnológicos e educacionais, evidenciando que as escolas particulares são mais eficazes do que as escolas públicas (Tadesse et al., 2020).

A associação do aumento na percepção do grau de dificuldade com um número maior de pessoas na casa pode ser explicada pela ampliação das distrações (Greenway & Eaton-Thomas, 2020; Manning et al., 2020; White et al., 2021). Ao aumentar grau de deficiência da criança/adolescente, os/as responsáveis e cuidadores/as sentiam ainda mais dificuldade em buscar alternativas para a educação, talvez em parte pela falta de apoio e de recursos devidamente adaptados que realmente atendessem às necessidades desses/as alunos/as, não restando outra opção a não ser ampliar seu próprio aprendizado antes de se dedicar ao ensino de seus/suas filhos/as (Thorell et al., 2021). A tensão no relacionamento de responsáveis e cuidadores/as com as crianças/adolescentes pela confusão de papéis expôs a dificuldade desses/as alunos/as em aceitarem seus pais/suas mães / cuidador/a(es/s), agora com a atribuição de educador/a(es/s).

Os impactos positivos percebidos, como a oportunidade de reconhecer as limitações e habilidades dos/as alunos/as, além de poder usufruir tempo maior juntos/as, corroboram com pesquisa europeia que revelou experiências positivas de educação domiciliar, principalmente na Holanda (Thorell et al., 2021). Por outro lado, pesquisa no Reino Unido relatou apenas número restrito de pais/mães com percepções positivas com relação ao desempenho acadêmico de seus/suas filhos/as, à redução do estresse na educação domiciliar ou pela possibilidade de passar mais tempo com seus/suas filhos/as (Greenway & Eaton-Thomas, 2020).

O presente estudo teve a vantagem de incluir uma amostra envolvendo familiares e cuidadores/as de crianças e adolescentes com uma ampla gama de perfis. Além disso, as avaliações foram realizadas durante o fechamento das escolas, em vez de depender de relatórios retrospectivos.

Como limitação, devido ao tamanho e regionalidade da amostra, os resultados podem não representar a totalidade de pais/mães nas mesmas condições estudadas, dificultando a generalização das conclusões levantadas. Sem um questionário disponível que capturasse todos os aspectos relevantes, projetamos o instrumento com base em estudo piloto preliminar junto aos pais/às mães e responsáveis, os/as quais descreveram os efeitos da educação domiciliar e questões da vida diária em comparação com antes da pandemia, sem coletar dados longitudinais.

Conclusão

Além de destacar as diferenças no perfil dos/as alunos/as, nosso estudo revelou alterações na educação de crianças e adolescentes público-alvo do AEE durante a pandemia, principalmente em relação às questões pedagógicas, relacionadas ao apoio, materiais e recursos oferecidos. Em muitas situações a pandemia revelou diversas realidades e deixou claro como as escolas precisam melhorar a

educação inclusiva e o AEE, evitando perdas no desenvolvimento dos alunos atendidos.

Os impactos da falta de AEE nos/as responsáveis e cuidadores/as de crianças e adolescentes que necessitam desse serviço revelaram-se na forma de alterações na rotina, falta de tempo necessário para as atividades e a necessidade de estudar antes de ensinar, além do desgaste emocional e a percepção do aumento do grau de dificuldade. Por outro lado, os/as participantes relataram a oportunidade de reconhecer as dificuldades e habilidades da criança/adolescente, bem como o aprofundamento no conhecimento sobre os transtornos/deficiências delas, bem como a possibilidade de usufruir tempo maior juntos/as.

Esses achados reforçam as diferentes dinâmicas sociais e emocionais vivenciadas antes e durante a pandemia em relação às responsabilidades de cuidado, às rotinas de trabalho e seus reflexos sobre a educação desses/as alunos/as. Ajudam ainda a compreender melhor os desafios enfrentados pelas famílias e sublinham a necessidade de apoiar medidas que promovam uma distribuição equitativa das responsabilidades de cuidado, educação e o bem-estar emocional de todos os membros da sociedade. Investigações futuras devem examinar os impactos a longo prazo e as formas de promover a melhoria na aprendizagem e no funcionamento socioemocional entre os crianças e adolescentes público-alvo do AEE e seus familiares e cuidadores/as.

Referências bibliográficas

- Álvarez-Minte, Gabriela, Ramm, Alejandra, & Gideon, Jasmine (2021). Maternidad y políticas públicas en Chile en el contexto del COVID-19. *Revista SAAP*, 15(2), 363–385.
<https://doi.org/10.46468/rsaap.15.2.A5>
- Ameis, Stephanie, Lai, MMeng-Chuan, Mulsant, Benoit, & Szatmari, Peter (2020). Coping, fostering resilience, and driving care innovation for autistic people and their families during the COVID-19 pandemic and beyond. *Molecular Autism*, 11(61). <https://doi.org/10.1186/s13229-020-00365-y>
- Bertollo, Amanda G., Leite Galvan, Agatha C., Dama Mingoti, Maiqueli E., Dallagnol, Claudia, & Ignácio, Zuleide M. (2024). Impact of COVID-19 on anxiety and depression: Biopsychosocial factors. *CNS Neurological Disorders - Drug Targets*, 23(1), 122–133.
<https://doi.org/10.2174/1871527322666230210100048>
- Chiang, Madeline, Roula, Markoulakis, & Levitt, Anthony (2024). Impact of the COVID-19 pandemic on perceived changes in responsibilities for adult caregivers who support children and youth in Ontario, Canada. *BJPsych Open*, 10(1), Article e35. <https://doi.org/10.1192/bjo.2023.632>
- Cipriani, Flávia M., & Moreira, Antonio F. (2021). Educação, tecnologias digitais e implicações da COVID-19 no sistema educacional brasileiro. *Educação, Sociedade & Culturas*, 59, 139–160.
<https://doi.org/10.24840/esc.vi59.340>

- Dvorsky, Melissa R., Shroff, Delshad, Larkin Bonds, Bianca W., Steinberg, Amanda, Breaux, Rosanna, & Becker, Stephen P. (2023). Impacts of COVID-19 on the school experience of children and adolescents with special educational needs and disabilities. *Current Opinion in Psychology, 52*, Article e101635. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2023.101635>
- Fontoura, Gabriela P., & Sardagna, Helena V. (2021). Concepções acerca do laudo médico no processo de escolarização. *Revista Educação Especial, 34*, 1–26. <https://doi.org/10.5902/1984686X41866>
- Greenway, Charlotte, & Eaton-Thomas, Karen (2020). Parent experiences of home-schooling children with special educational needs or disabilities during the coronavirus pandemic. *British Journal of Special Education, 47*, 510-535. <https://doi.org/10.1111/1467-8578.12341>
- Lei n.º 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 20 set. 1990. p. 18055.
- Leiva, Ana, Nazar, Gabriela, Martínez-Sangüinetti, María, Petermann-Rocha, Fanny, Ricchezza, Jorgelina, & Celis-Morales, Carlos (2020). Dimensión psicosocial de la pandemia: La otra cara del covid-19. *Ciencia y Enfermería, 26*(10). <https://dx.doi.org/10.29393/ce26-3dpal60003>
- Mahmud, Sultan, Mohsin, Md, Dewan, Nayem, & Muyeed, Abdul (2022). The global prevalence of depression, anxiety, stress, and insomnia among general population during covid-19 pandemic: A systematic review and meta-analysis. *Trends in Psychology, 31*(1), 143–170. <https://doi.org/10.1007/s43076-021-00116-9>
- Manning, Janessa, Billian, Joseph, Matson, Jill, Allen, Colleen, & Soares, Neelkamal (2020). Perceptions of families of individuals with autism spectrum disorder during the COVID-19 crisis. *Journal of Autism and Developmental Disorders, 51*, 2920–2928. <https://doi.org/10.1007/s10803-020-04760-5>
- Martínez-Labrín, Soledad, Bivort, Bruno, Sandoval Díaz, José, & Duarte, Cory (2022). Conflicto trabajo-familia de mujeres en situación de teletrabajo a partir de la contingencia sanitaria por COVID-19 en Chile. *Investigaciones Feministas, 13*(1), 77–88. <https://doi.org/10.5209/infe.77850>
- Merchán-Hamann, Edgar, & Taulil, Pedro Luiz (2021). Proposta de classificação dos diferentes tipos de estudos epidemiológicos descritivos. *Epidemiologia e Serviços de Saúde, 30*(1). <https://doi.org/10.1590/s1679-49742021000100026>
- Moreira, Martha, & Dias, Francine (2021). Deficiência e interseccionalidade na pandemia de Covid-19. In Gustavo Matta, Sergio Rego, Ester Souto, & Jean Segata (Eds.), *Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: Populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia*. Fiocruz. <https://doi.org/10.7476/9786557080320>
- Müller, Manuela R., Lima, Rossano C., Ortega, Francisco (2023). Repensando a competência cultural nas práticas de saúde no Brasil: Por um cuidado culturalmente sensível. *Saúde e Sociedade, 32*(3),

e210731pt. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902023210731pt>

- Mutluer, Tuba, Doenyas, Ceymi, & Genc, Herdem (2020). Behavioral implications of the Covid-19 process for autism spectrum disorder, and individuals' comprehension of and reactions to the pandemic conditions. *Frontiers in Psychiatry, 11*, 1263. <https://doi.org/10.3389/fpsy.2020.561882>
- Narvekar, Hemangi N. (2020). Educational concerns of children with disabilities during COVID-19 pandemic. *Indian Journal of Psychiatry, 62*(5), 603-604. https://doi.org/10.4103/psychiatry.IndianJPsychiatry_585_20
- Northrup, Raquel A., Jones, Erin, Singh, Vini, Hologue, Caliope, Meck, Mandy, Gurnett, Cristina A., van Stone, Maureen, & Kalb, Luther G. (2023). Caregiver perspectives on the continued impact of the COVID-19 pandemic on children with intellectual/developmental disabilities. *Frontiers in Pediatrics, 11*. <https://doi.org/10.3389/fped.2023.1196275>
- Pletsch, Marcia (2020). O que há de especial na educação especial brasileira? *Momento - Diálogos em Educação, 29*(1), 57–70. <https://doi.org/10.14295/momento.v29i1.9357>
- Pletsch, Marcia, & Souza, Flávia (2021). Educação comum ou especial? Análise das diretrizes políticas de educação especial brasileiras. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, 16*(2-Esp), 1286–1306. <https://doi.org/10.21723/riaee.v16iesp2.15126>
- Sá, Miriam, Vieira, Ana, Castro, Barbara, Agostini, Olivia, Smythe, Tracey, Kuper, Hannah, Moreira, Maria, & Moreira, Martha (2019). De toda maneira tem que andar junto: Ações intersetoriais entre saúde e educação para crianças vivendo com a síndrome congênita do vírus Zika. *Cadernos de Saúde Pública, 35*(12). <https://doi.org/10.1590/0102-311X00233718>
- Samadi, Sayyed, Bakhshalizadeh-Moradi, Shahnaz, Khandani, Fatemeh, Foladgar, Mehdi, Poursaid-Mohammad, Maryam, & McConkey, Roy (2020). Using hybrid telepractice for supporting parents of children with ASD during the COVID-19 lockdown: A feasibility study in Iran. *Brain Sciences, 10*(11), 892. <https://doi.org/10.3390/brainsci10110892>
- Santos, Cassia V., Vieira, Estela A., & Faria, Arlete V. (2023). Laudo médico como elemento (im)prescindível na sala de recursos multifuncionais. *Educação, 48*(1), e14/1–27. <https://doi.org/10.5902/1984644465981>
- Schiavetto, Stefano, & Schnaider, Karoline (2021). Inequalities and democracy in online education during the COVID-19 pandemic: A comparison between Brazil and Sweden and their representativeness in current global issues. *Educação, Sociedade & Culturas, 59*, 203–222. <https://doi.org/10.24840/esc.vi59.343>
- Secretaria de Modalidades Especializadas de Educação. (2020). *PNEE: Política nacional de educação especial: equitativa, inclusiva e com aprendizado ao longo da vida*. Ministério da Educação.
- Tadesse, Seble, & Muluye, Worku (2020). O impacto da pandemia de COVID-19 no sistema educacional dos países em desenvolvimento: Uma revisão. *Open Journal of Social Sciences, 8*(10), 159–170. <https://doi.org/10.4236/jss.2020.810011>

- Thorell, Lisa, Skoglund, Charlotte, Giménez de la Peña, Almudena, Baeyens, Dieter, Fuermaier, Anselm, Groom, Madeleine J., Mammarella, Irene C., van der Oord, Saskia, van den Hoofdakker, Barbara J., Luman, Marjolein, Miranda, Débora M., Siu, Angela, Steinmayr, Ricarda, Idrees, Iman, Soares, Lorraine S., Sörlin, Matilda, Luque, Juan Luis, Moscardino, Ughetta M., Roch, Maja, . . . Christiansen, Hanna (2021). Parental experiences of homeschooling during the COVID-19 pandemic: Differences between seven European countries and between children with and without mental health conditions. *European Child Adolescent Psychiatry*, *31*, 649–661. <https://doi.org/10.1007/s00787-020-01706-1>
- Vintila, Mona, Tudorel, Otilia I., Stefanut, Adelina, Ivanoff, Alexandra, & Bucur, Venera (2023). Emotional distress and coping strategies in COVID-19 anxiety. *Current Opinion in Psychology*, *42*, 17503–17512. <https://doi.org/10.1007/s12144-021-02690-8>
- White, L. Casey, Law, Kiely, Daniels, Amy, Toroney, Jaimie, Vernoia, Brianna, Xiao, Sabrina, The SPARK Consortium, Feliciano, Pamela, & Chung, Wendy K. (2021). Brief report: Impact of COVID-19 on individuals with ASD and their caregivers: A perspective from the SPARK cohort. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, *51*, 3766–3773. <https://doi.org/10.1007/s10803-020-04816-6>
- Zhao, Ying, Guo, Yong, Xiao, Yu, Zhu, Ranke, Sun, Wei, Huang, Weiyong, Liang, Deyi, Tang, Liuying, Zhang, Fan, Zhu, Dongsheng, & Wu, Jie-Ling (2020). The effects of online homeschooling on children, parents, and teachers of grades 1-9 during the covid-19 pandemic. *Medical Science Monitor*, *12*(26). <https://doi.org/10.12659/MSM.925591>